

O CONTEXTO HISTÓRICO DA PÓS-VERDADE E SEU CARÁTER IDEOLÓGICO NA CONSTRUÇÃO DE SUA CLASSIFICAÇÃO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

THE DYNAMICS OF POST-TRUTH IN THE BRAZILIAN CONTEXT: A MARXIST APPROACH

EL CONTEXTO HISTÓRICO DE LA POSVERDAD Y SU CARÁCTER IDEOLÓGICO EN LA CONSTRUCCIÓN DE SU CLASIFICACIÓN EN LA SOCIEDAD BRASILEÑA

Henrico dos Santos Iturriet¹
Renata Burgo Fedato²

Resumo

No presente artigo, observa-se a dinâmica que o contexto histórico da pós-verdade se insere como uma categoria analítica possível no cenário brasileiro, ao passo que se objetiva a construção original das propensões marxianas e marxistas, a fim de tornar o conceito factível aos acontecimentos históricos subjacentes a ideia da Idade Contemporânea. Percebeu-se, então, que há uma imbricação entre pós-verdade e ideologia dominante, quando o caráter do período se volta à expansão do capital e ao reforço e apoio de forças da classe dominante brasileira e de alguns exemplos internacionais. Por fim, faz-se uma crítica à suposta “crise das ciências sociais” e o período chamado de “fim das ideologias”, a fim de contrapor uma narrativa ideológica dominante nos métodos circundantes das ciências sociais de hoje.

Palavras-chave: pós-verdade; mecanismos eleitorais; ideologia; luta de classes; marxismo; metodologia.

Abstract

This article examines the dynamics of how the historical context of post-truth can be inserted as a possible analytical category in the Brazilian context, while aiming at the original construction of Marxist and Marxist propensities, in order to make the concept feasible to the historical events underlying the idea of the Contemporary Age. It was then perceived that there is an intertwining between post-truth and dominant ideology, when the character of the period turns to the expansion of capital and the reinforcement and support of forces of the Brazilian dominant class and some international examples. Finally, it makes a criticism of the alleged "crisis of the social sciences" and the period called the "end of ideologies", in order to counter a dominant ideological narrative in the surrounding methods of today's social sciences.

Keywords: post-truth; electoral mechanisms; ideology; class struggle; Marxism; methodology.

Resumen

En el presente artículo, se observa la dinámica que el contexto histórico de la posverdad se inserta como una categoría analítica posible en el panorama brasileño, en tanto que se objetiva la Construcción original de las propensiones marxianas y marxistas, a fin de hacer el concepto factible a los sucesos históricos subyacentes a la idea de la Edad Contemporánea. Por lo tanto, se entendió que hay una imbricación entre posverdad e ideología dominante, cuando el carácter del periodo se dirige a la expansión del capital y al refuerzo y apoyo de fuerzas de la clase dominante brasileña y de algunos ejemplos internacionales. Por fin, se hace una crítica a la supuesta “crisis de las ciencias sociales” y el periodo denominado “fin de las ideologías”, con miras a contrarrestar una narrativa ideológica dominante en los métodos circundantes de las ciencias sociales actuales.

¹ Henrico dos Santos Iturriet é Bacharelado em Sociologia pelo Centro Universitário Internacional Uninter, e também Licenciado em Letras-Português na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6921697640610865>. E-mail: henricoi@hotmail.com

² Professora Doutora em Educação do Centro Universitário Internacional (UNINTER). Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5753412771850416>. E-mail: renata.f@uninter.com

Palabras clave: posverdad; mecanismos electorales; ideología; lucha de clases; marxismo; metodología.

1 Introdução

A construção ideal de um conceito sempre reflete a materialidade prática que um determinado fenômeno adquire na vida social real e dinâmica da realidade social (Mészáros, 2008), contribuindo, assim, para a expansão do conjunto de ferramentas científicas disponíveis. Por outro lado, essas construções também delimitam os limites de conceitos e concepções específicos estabelecidos em um determinado período e sob condições históricas moldadas pelos processos sociais decorrentes da estrutura vigente (Marx, 2021).

Dito isso, o objeto de estudo deste artigo se propõe a analisar a concepção do termo *pós-verdade*, que é entendido como uma construção argumentativa-discursiva que apela para as emoções (tidas aqui como não racionais) para a manipulação estrutural e ideológica para determinados fins sociopolíticos e econômicos (Junior, 2019). Ao invés de se atribuir a concepção hegemônica academicamente, escolheu-se o caminho marxista do termo ideologia para explicar como a *pós-verdade* contém uma armadilha estruturante dos desejos ontológicos e práticos da vida material dos indivíduos, ao mesmo tempo que trabalha para que a realidade da luta de classes se perpetue como um inimigo escondido, ou passível de relegação programada a uma determinada instituição comunicativa (Souza, 2016).

O objetivo do trabalho é discorrer sobre os resultados do uso do termo da *pós-verdade* e utilizá-lo, principalmente entendendo os mecanismos eleitorais utilizados no Brasil em 2018 pelo ex-presidente, Jair Bolsonaro, para incitar uma imagem *antiestablishment* no discurso (Menon; Bachini, 2021), ao passo que defendia o circo da classe dominante do país, o que significa “personificação do capital” (Mészáros, 2015). Nesse contexto, um agente com artifícios de poder em mãos consegue manipular uma determinada estrutura político-burocrática (o Estado), e disseminar informações falsas para a criação de narrativas ontológicas para os sujeitos votantes.

Isso implica que as características históricas da luta de classes no Brasil, marcadas por ambiguidades e complexidades, juntamente com as contradições específicas que surgem na prática na busca de interesses burgueses, se entrelaçam com as tendências internacionais dominantes que a direita adotou como sua agenda. Estas tendências incluem a desregulamentação do Estado, a privatização de empresas, a penetração de capital estrangeiro globalizado e a promoção de uma ideologia neoliberal que proclama o 'fim das ideologias' e da 'sociedade de classes' em seu projeto de governo. Isso é realizado por meio de estratégias de

manipulação ideológica, aproveitando os instrumentos institucionais disponíveis, mesmo que isso ocorra de maneira exógena em relação aos interesses do capital (Mészáros, 2015).

Nesse sentido, como a palavra e o discurso da pós-verdade se tornaram relevantes na análise histórica no escopo das teorias sociais? Vale destacar que o importante para o cunho da “*pós-modernidade*” no geral se estabelece como uma promessa inválida de futuro, no qual a instância de classe se torna apenas mais uma identidade, assim como todas as outras questões da vida social. Leva-se em conta que essa determinação de período nega estruturas básicas ainda vigente na ordem socio metabólica estabelecida, sejam elas a submissão do trabalho ao capital, a divisão do trabalho hierarquizada e as taxas de exploração abundantes que coexistem com o aumento produtivo concomitante ao aumento da desigualdade real (Mészáros, 2015).

Portanto, rotular nossa sociedade atual como pós-moderna é negar o caráter sistêmico e estrutural no qual o capital permeia nossas vidas, sem ter superado de forma metodológica e objetiva as classificações teóricas do passado. Isso ocorre tanto na esfera prática, ideológica, que se manifesta nos desejos e ações dos indivíduos em suas interações sociais, quanto nas resistências presentes em movimentos que desafiam a ordem estabelecida.

2 A pós-verdade³

A suposta “crise das ciências sociais”, amplamente difundida e reconhecida pelos representantes do *establishment* político, estava enraizada em teorias que tendiam a reforçar circular as ideias dos “pensadores” sociais que construíram suas cadeias teóricas com base em pressupostos específicos e frequentemente contraditórios, alinhados com os objetivos e interesses das elites e classes dominantes (Mészáros, 2008). Essa “crise” ganhou destaque na segunda metade do século XX.

Segundo Mészáros (2015), a crise das ciências sociais foi restabelecida e conhecida nos trabalhos sociais como “fim da ideologia” que, por incrível intermédio do tempo histórico, coincidiu com a popularidade da Escola de Chicago nos Estados Unidos, o golpe de Pinochet no Chile, a tomada da Dama de Ferro no Grã-Bretanha. Além disso, a suposta crise também coincide com a futura consumação e neoliberalização brasileira após a falha do nacional-desenvolvimentismo na ditadura militar e a personificação desses interesses com Fernando

³ É importante deixar claro que resolvemos analisar o termo “*pós-verdade*” através das concepções históricas e materiais, ou seja, usamos a perspectiva marxiana da metodologia materialista histórico-dialética para anteceder e analisar as formações e construtos ideológicos que permitiam a análise do termo em concomitância com a totalidade social atual. Portanto, nos afastamos, neste trabalho, da análise meramente discursiva da pós-verdade. Isto é, não é um trabalho pautado na análise do discurso, mas não o desconsidera no momento de construir a lógica que é atribuída pelo sentido histórico do termo “*pós-verdade*”

Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso, continuados por Luiz Inácio Lula da Silva (Safatle, 2022; Oliveira, 2019).

A consumação do “fim da história”, promovido por pensadores neoliberais no contexto da queda da União Soviética, revelou um novo terreno de desafio para a disciplina das ciências sociais. Agora, essas ciências foram completamente objetificadas, consideradas meros resultados de abordagens supostamente “neutras” em relação ao objeto de estudo. Esse enfoque lembra a antiga repressão positivista que já havia sido superada pelos cientistas sociais, que reconheciam as raízes ideológicas abrangentes de certas teorias sociais. Com a cartada “ideológica”, negava-se um princípio histórico que toda teoria social perpassa em seu caráter sócio-histórico e teórico.

A teoria social não é externa aos determinantes ideológicos do condicionamento social e ‘feedback’ institucional, mas interna a eles. É essa complexa dialética de caráter simultaneamente “externo” e “interno” [...] da teoria social significativa e relevante em termos históricos que a capacita a ser tanto efetiva ideologicamente quanto válida cientificamente, em consonância com as condições sócio-históricas mutáveis de sua esfera de atuação (Mészáros, 2008, p. 52).

Ao discutir o conceito de pós-verdade, é fundamental destacar a necessária margem de arbitrariedade inerente a um trabalho científico que busca analisar uma realidade nacional dinâmica e em constante transformação. Isso permite que o relativismo proposto por essas construções ideológicas em relação às teorias não caia na armadilha da falsa objetividade. De fato, a partir dos pressupostos analisados e reavaliados neste estudo, é possível traçar uma genealogia básica dos usos e das consequências da introdução do termo “pós-verdade” em si.

Além disso, compreender a formulação e institucionalização da pós-verdade a partir de trabalhos teóricos que explicam tanto suas consequências práticas quanto sua ascensão histórica objetiva é fundamental. Isso ocorreu em grande parte devido às mudanças nas estratégias dos meios de comunicação, particularmente com o advento das redes sociais.

Em países como Estados Unidos, Grã-Bretanha e Brasil, testemunhamos um retrocesso de suas democracias liberais em direção a instâncias autoritárias que se apropriaram da dúvida e da negação da verdade. Isso criou um amplo campo de aderência para a população, que se tornou mais receptiva às agendas hegemônicas promovidas pela direita, tanto em níveis nacionais quanto globais, em prol de interesses burgueses e dominantes. A pós-verdade, em essência, representa uma tentativa sistemática de abordagem científica que busca entender o surgimento das novas mídias e as mudanças na luta pela consciência que caracterizam o período de sua emergência.

Para salientar o conceito dentro de um arcabouço de disputa, é necessário admirá-lo como uma variante em movimento das classificações. Nesse sentido, conforme Souza (2016), “a ideologia precisa ser compreendida em sua perspectiva ontológica, isso porque não é seu critério de verdade que define seu papel na práxis humana, mas sua função norteadora de conflitos e embates em andamento” (p. 42).

Por outro lado, o conceito de legitimidade só pode ser compreendido dentro dos contextos históricos que lhe conferem centralidade na análise contemporânea. Portanto, os fatores históricos externos fornecem o terreno para a instrumentalização da verdade e a criação de narrativas, enquanto a sua reutilização conceitual desempenha um papel fundamental na construção da teoria social de maneira abrangente. Isso impede a disseminação indiscriminada de um termo que, na teoria social, é intrinsecamente dinâmico e historicamente variado.

Dizer que “alterar simultaneamente os elementos estruturais fundamentais que compõem o universo ao qual se aplicam” (Kuhn, 2018, p. 123) é um dos processos fundantes da ciência como um todo. Como, então, a palavra e o discurso da *pós-verdade* se tornaram relevantes na análise histórica no escopo das teorias sociais? A hegemonia acadêmica emergiu em um momento próximo de eventos históricos decisivos, que envolveram o surgimento das redes sociais e candidatos associados à Nova Direita ou à Direita Hiperliberal, que competiram em eleições presidenciais nos Estados. Ela se tornou popular quando

foi escolhida a palavra do ano pelo Dicionário Oxford e se tornou diretamente relacionada com dois fatores extremamente importantes para a política mundial - a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos e a vitória do plano que prevê a saída do Reino Unido da União Europeia, conhecido pela sigla *brexit* (Araújo, 2020, p. 1).

Quando consideramos os acontecimentos históricos globais e sua persistência em se refletir no caráter local, demonstra-se o caráter dialético da realidade, afinal, a divisão internacional do trabalho é influenciada pela decisão política da sociedade civil norte-americana, por exemplo, o centro do capital no século XXI (Mészáros, 2015). O fenômeno de ascensão da extrema-direita acompanhou-se no Brasil, com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 e o uso estratégico da *pós-verdade* e das *fake news* em sua campanha (Menon; Bachini, 2021).

A instrumentalização de qualquer instrumento de manipulação ideológica está ligada nos sentimentos reais dos sujeitos que constroem e atuam nas condições históricas objetivas de determinada sociedade (Mészáros, 2008). Sabendo que a *pós-verdade* é principalmente uma construção discursiva-ideológica, favorece-se uma descrição dos processos sociais históricos que levaram a sua emergência como conceito e a sua determinação para a análise. Para tanto,

precisa-se compreender o momento em que os efeitos práticos da *pós-verdade* começaram a afetar a estrutura social e a se proliferar como um instrumento ideológico de classe no Brasil.

3 O Contexto Brasileiro para a produção da “*pós-verdade*”

Em primeiro lugar, começemos pelas variações históricas que a nação brasileira foi apresentada respectivamente no século XXI. A Nova República, estabelecida desde a comissão da Constituinte até a sua crise em 2013, percebeu-se lotada de contradições voluntárias ligadas às ideias das classes dominantes do país, porque, graças a um governo de coligações entre as elites oligarquias e o “flerte” com os setores mais reacionários, o Brasil continuou sobre uma pressão enorme após a redemocratização no final da década de 1980 (Fernandes, 2006; Safatle, 2022; Oliveira, 2019).

Antes de continuar a discorrer o cenário emergente histórico da categoria de pós-verdade global e nacional, vale uma citação longa para refletirmos o caráter de queda da social-democracia como representação política trabalhadora:

Com a decadência dos partidos políticos operários — sob a forma da divisão do movimento em um ‘braço industrial (os sindicatos) e um ‘braço político (os partidos social-democratas e vanguardistas). A defensiva do movimento se arraigou ainda mais, pois os dois tipos de partido se apropriaram do direito exclusivo de tomada de decisão, que já se anunciava na setorialidade centralizada dos próprios movimentos sindicais (Mészáros, 2015, p. 123). [...] Na estrutura parlamentar capitalista, em troca da aceitação da legitimidade dos partidos operários pelo capital, tornou-se absolutamente ilegal usar o braço industrial para fins políticos. Isso significou uma severa restrição à qual os partidos trabalhistas se submeteram, condenando dessa forma o imenso potencial combativo do trabalho produtivo, de bate material e politicamente eficaz, à completa impotência (Mészáros, 2015, p. 123).

A impotência descrita por Mészáros é, em essência, a limitação que resultou da neoliberalização dos processos políticos e da crescente individualização do sujeito nas esferas sociais. Sua relevância para este trabalho se destaca devido ao contexto histórico em que o Brasil emergiu após a redemocratização, que incluiu a anistia aos militares e a convocação da Constituinte (Fernandes, 2006), em como a aliança entre o governo liderado por Luiz Inácio Lula da Silva e setores oligarcas dominantes que assumiram cargos importantes nos ministérios. Essa aliança resultou na chamada 'despolitização' da classe trabalhadora brasileira (Oliveira, 2019), que representou a materialização da separação política em relação ao braço produtivo. Uma prova viva desse fenômeno é descrita por Safatle quando descreve a necessidade política para um Brasil pós-ditadura:

O programa mais urgente era uma refundação política da institucionalidade nacional através da transferência paulatina dos processos decisórios e administrativos do Estado Brasileiro para a deliberação popular direta. Isto permitiria mobilizar a força popular para retirar o país do sistema de travas que lhe havia sido imposto pela redemocratização (Safatle, 2022, p. 87).

Antes mesmo da subida do PT nas instâncias de poder em 2003, a neoliberalização do Brasil foi um processo ativo de Fernando Collor de Mello e de Fernando Henrique Cardoso, que estabeleceram o chamado Centrão. Posteriormente, confiaram ao conceito de “governabilidade” uma importância ideológica significativa para se ignorar a questão de classes na luta política brasileira (Safatle, 2022).

As consequências dessa instalação burocrática, política e institucional, resultou o contrário das demandas populares da Nova República, afinal, “ela é a última a realmente defender a necessidade de refundação da institucionalidade política nacional, como ela não consegue criar estruturas e organizações radicalmente democráticas” (Safatle, 2022, p. 48). Portanto, acaba-se por cair no cerceamento de demandas sociais internas estratégicas para a perpetuação passiva do ambiente de embate político “neutro”.

A negação contínua da luta de classes no Brasil propiciada pela esquerda que tinha poder de mobilização de massa, *a priori*, o Partido dos Trabalhadores (PT), permitiu uma ascensão popular conhecida por passar despercebida aos analistas e cientistas políticos: a rebelião de junho de 2013. Esta rebelião foi um esgotamento prévio que sinalizava o que estaria por vir nos anos seguintes. Com o povo em demanda por uma reconfiguração ativa nas propostas de decisão, e como anteriormente foram separadas dos processos de decisão, as configurações sociais delegaram uma construção ideológica emergente para posições totalitárias emergirem em uma cadeia de significações discursivas (Siebert; Pereira, 2020) *antiestablishment* e tradicionalmente nacionalistas nos países latino-americanos (Prior, 2019).

Aqui, o conceito de pós-verdade começa a tomar posse das categorias históricas de significação dos sujeitos em uma perspectiva de massa. Além da alternativa global de massificação da informação tratada por diversos autores para explicar a época da pós-verdade, temos então a descrição do Novo Populismo, que não está atrelado a uma visão de industrialização emergente da classe trabalhadora, mas sim a uma articulação discursiva-ideológica representada pela esfera histórica de significação dos sujeitos. Logo, “a especificidade da emergência do povo como sujeito político no populismo vem do fato de sua incorporação ser feita através de um pacto frágil entre várias demandas sociais contraditórias, vinda de setores antagônicos” (Safatle, 2022, p. 60).

Esse esgotamento se mostrou válido tanto nas técnicas discursivas quanto na capitulação dos diversos sujeitos com o bombardeamento de informações arbitrárias para criar um arcabouço de significação para interpretação individual da realidade manejada por interesses dominantes (Siebert; Pereira, 2020; Menon; Bachini, 2021). Em outras palavras, essas informações são de natureza ideológica. Além disso, esse cenário contribuiu para a vitória, ascensão e disputa de consciência prática dos diversos ramos de extrema-direita, ou da Nova Direita, representadas por Donald Trump, Jair Bolsonaro, e movimentos como o Movimento Brasil Livre (MBL) (Menon; Bachini, 2021).

Procuo salientar também que a instrumentalização da dúvida nada mais é que um aparelho discursivo tomado pelas personificações do capital em sua estruturação político-administrativa, e bem quista para a configuração social histórica observada em países como o Brasil. Portanto, levantar a questão do período de pós-verdade é, invariavelmente, levantar a necessidade dos grupos dominantes, isto é, a classe dominante e burguesa nacional e internacional, para a articulação dos mecanismos emergentes de um novo período histórico dotado de possibilidades infinitas de informação.

Nesse sentido, a pós-verdade, como uma categoria de análise discursiva, está associada aos diversos meios materiais e virtuais que se enquadram na perspectiva dos novos meios de comunicação, ou seja, os não tradicionais (Siebert; Pereira, 2020). Ela pode ser considerada um processo material, já que, como observado por Siebert e Pereira (2020), “aqueles que repetem informações com mais frequência através de diversos meios, desde livros até postagens na internet, de piadas a artigos sérios, conquistam seu espaço na arena política e acabam por silenciar elementos de verdades factuais” (p. 245). Isso justifica uma análise distinta dos mecanismos e discursos formulados por indivíduos, utilizando uma metodologia sistematizada de identificação de *fake news*.

A estrutura edificada da disseminação em massa das *fake news* é um dos aparelhos ideológicos impostos por esse novo meio cultural retroalimentado por ideologias ilógicas e completamente opostas cientificamente, mas fortemente personalistas, individuais e produtoras de significado (Menon; Bachini, 2021). Ou seja, o Bolsonarismo e seu representante subiram à presidência graças a um grande pêndulo de ações ideológicas planejadas graças aos setores tradicionais, e aqui inclusive a própria esquerda, terem ignorado a emergência da importância da informação nessa nova fase histórica e globalizada do capitalismo. Tal que a base eleitoral fora formada baseado na estratégia única da ironia como discurso (Siebert; Pereira, 2020), refutados ideologicamente pela aliança com as oligarquias passadas (Safatle, 2022), ou seja, *antiestablishment* (mesmo que também conservador) e construídos com base nos sentimentos

antipetistas e personalistas do conservadorismo brasileiro (Safatle, 2022; Menon; Bachini, 2021).

O termo pós-verdade é uma retificação histórica da necessidade de disputar os meios de comunicação com uma contra ideologia. Isto é, baseada no reavivamento da luta de classes e formulada com base nas categorias novas de disputa de consciência nos novos meios de comunicação, o que a esquerda ainda não tem um grande e vasto terreno pela frente.

Logo, o uso do termo é considerado aqui como válido não numa perspectiva de fluidez e “liquidez” das novas possibilidades de sentido, mas a uma aparelhagem ideológica pautada pelo capital, afinal, também são financiados por transnacionais e empresas estrangeiras no maior estilo paternalista (Menon; Bachini, 2021). Essa aparelhagem trabalha como um mecanismo de disputa ideológica pela narrativa dominante que permite a reprodução socio metabólica do capital (Mészáros, 2015), o que contribui com as condições de “fim das ideologias” fomentadas pelos ideólogos neoliberais desde a segunda metade do Século XX.

4 Considerações finais

A nível expositivo, não foi necessário expor e discorrer sobre o fenômeno em si, mas ligá-lo à construção histórica na visão marxista das atribuições delegadas em contexto brasileiro. É importante, portanto, influir sobre isso graças a necessidade ou não dos termos científicos em questão, afinal, se a categoria *pós-verdade* se desvencilhasse do caráter de massificação da informação dentro do contexto dos novos meios de comunicação, seria imprescindível analisá-lo como uma categoria histórica, mas apenas como uma categoria “ideal” ou abstrata no sentido material da lógica das ciências sociais e da teoria social totalizante.

Isso significa que seria apenas um fenômeno isolado sem respaldo argumentativo-científico para compor análises mais abrangentes (Mészáros, 2008). Mas, ao ligá-lo ao conceito marxista de ideologia, foi possível articular a história brasileira com presença dialética do termo, sem necessariamente contextualizar as suas especificidades articuladoras pela classe dominante, afinal, trabalhos já foram postados das consequências desses estímulos.

Por fim, considerou-se a contra hegemonia da “pós-modernidade” não como uma possível construção de grandes e significativas mudanças sociais no período histórico vigente, mas como uma articulação ideológica possível aliado à noção de “fim da ideologia” diante da inventada crise nas ciências sociais. Portanto, nossas metodologias devem novamente ser postas a prova e se atualizar para abarcar a dificuldade das novas informações e dados disponíveis

sobre a realidade empírica, sem nunca esquecer das propostas causais do método sociológico em si (Mészáros, 2008). Afinal, a teoria circundante aqui seria facilmente destituída se a comprovação das análises fragmentárias fosse suficiente para explicar os fenômenos históricos separados e apenas em relação entre si.

Por fim, fica a provocação final como uma avaliação dos métodos das ciências sociais, ao passo que utilizando a pós-verdade como fundamento argumentativo de articulação ideológica, é possível traçar uma ação social orientada para o seu enfrentamento centralizado na classe dominante.

Referências

ALMADA, Antonio. A era da pós-verdade no cenário político contemporâneo. **Internet e Sociedade**, v. 2, n. 1, p. 118-134, 2021.

ARAÚJO, Carlos. O fenômeno da pós-verdade: uma revisão de literatura sobre suas causas, características e consequências. **Revista de Comunicação, Cultura e Política**, v. 20, n. 41, 2020.

FERNANDES, Florestan. **Pensamento e ação: O PT e os rumos do socialismo**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006. 264 p. ISBN 8525040827.

JUNIOR, Eli. O que é a pós-verdade? Elementos para uma crítica do conceito. v. 15, n. 3, p. 524-545, 2019.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

MENON, Gustavo; BACHINI, Natasha. Fake news e o uso do facebook na eleição presidencial brasileira de 2018: ideologias, pós-verdade e aparelhos ideológicos de dominação. **Economic Analysis of Law Review**, v. 12, n. 1, p. 143, 9 jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.31501/ealr.v12i1.12633>. Acesso em: 2 set. 2023.

MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2015.

MÉSZÁROS, István. **Filosofia, ideologia e ciência social**. São Paulo: Boitempo, 2008.

OLIVEIRA, Francisco De. **Brasil: uma biografia não autorizada**. São Paulo, SP: Boitempo, 2019. 174 p. ISBN 9788575595930.

PRIOR, Helder. Populismo e desinformação em tempos de pós-verdade. *In: 17º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2019. 17º encontro nacional de pesquisadores em jornalismo*. [S. l.]: Universidade Federal de Goiás, 2019.

SAFATLE, Vladimir. **Só mais um esforço**: como chegamos até aqui ou como o país dos "pactos", das "conciliações", das "frentes amplas" produziu seu próprio colapso. São Paulo, SP: Vestígio, 2022. 142 p.

SIEBERT, Silvânia; PEREIRA, Israel Vieira. A pós-verdade como acontecimento discursivo. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 20, n. 2, p. 239-249, ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017/200201-00-00>. Acesso em: 2 set. 2023.

SOUZA, Rafael. Lukács, Mészáros e a atualidade da noção de ideologia. **Lutas Sociais**, v. 21, n. 38, p. 40-50, 2017.